

Uma década extraordinária

ESTADO DE SÃO PAULO 3 FEV 1990 *Economia - Brasil*

MÁRIO ERNERTO HUMBERG

Chegamos aos anos 90 com um saldo extraordinariamente positivo da década que termina. Infelizmente, a prevalência do enfoque economicista na análise do desenvolvimento do País não permite que a maior parte das pessoas perceba o grande salto que a Nação brasileira experimentou nesses dez anos ou pouco mais.

Quem, em 1980, poderia imaginar uma final da primeira eleição presidencial em dois turnos disputada entre o ex-governador do segundo menor Estado brasileiro, um outsider partidário, e o ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, cassado e perseguido por suas atividades nessa área na década que termina? E isso lutando contra monstros sagrados da política brasileira, como Ulysses, Aureliano, Covas, Brizola, Waldir etc?

Quem, em 1980, poderia imaginar um mandato presidencial como o de Sarney, com quase 10 mil greves, inflação anual superior a 1.000%, total liberdade de manifestação, de opinião e de imprensa e paz social (embora relativa)?

Quem suporia um país que discute seus problemas no rádio, nas fábricas, na televisão, nos escritórios, nas universidades e escolas, sem que isso interrompa o trabalho produtivo nem provoque a radicalização dos conflitos?

E quem previu a expansão internacional das empresas brasileiras, comprando ou montando indústrias, supermercados, empreiteiras etc., nos Estados Unidos, na Europa e nos países do Terceiro Mundo?

Certamente o país se tornou adulto, moderno, nesta década, com importância ainda não corretamente avaliada. É um fenômeno desconcertante para as elites e para os políticos brasileiros. Que, de repente, vêm, por exemplo, as principais li-

deranças do PT, após a perda de seu candidato, derrotado à presidente, jogar fora — ao menos no discurso — todo um ideário político superado e decretar, do dia para a noite, o seu Bad Godesberg, reproduzindo 30 anos depois a decisão da social-democracia alemã de abandonar as teorias políticas marxistas e entender que a democracia pluripartidária e a liberdade econômica são o melhor caminho para o desenvolvimento.

Pode-se dizer que, na verdade, o País se tornou moderno à revelia de suas elites e, ao contrário do que ocorre normalmente, são eles que correm atrás das tendências definidas pela população em geral.

O brasileiro sabe hoje que não é o governo nem os políticos tradicionais que fazem a Nação, e deixou de acreditar neles. Não se trata do presidente Sarney, do PMDB e do PFL, especificamente, mas de algo muito mais profundo, como se, de repente, a maior parte da população tivesse crescido e passado à idade adulta. Percebendo que seus pais — o governo, os políticos e outros que pretendem falar por ela — ficaram para trás e não mais a representam.

Manifestações claras dessa mudança vêm ocorrendo há muito tempo e até têm sido registradas pela imprensa. Na área econômica, começou com os casos — tornados célebres — de Santa Cruz do Capibaribe e Vilar do Telles, a mostrar a economia informal como forma de pular fora da tutela do governo. Na área social e política foram os movimentos de moradores, as associações comunitárias, os agrupamentos empresariais independentes, os grupos ecológicos, as comunidades eclesiais de base etc., fazendo surgir

novas lideranças e idéias, independentes da estrutura tradicional, atrelada ao Estado.

Algumas lideranças, mais próximas das bases da população em geral, foram capazes de sentir essa mudança pelos seus epifenômenos, e procuram participar da transformação. Nem sempre de forma adequada, mas, certamente, trazendo contribuição ao desenvolvimento do país. A eleição foi, em grande parte, a vitória desse Brasil não-oficial: o povo escolheu para o turno final os candidatos que lhe pareceram os mais distantes das lideranças tradicionais e da estrutura do Estado. Agora que a eleição passou e estamos a caminho da posse do novo presidente, é preciso consolidar, institucionalizar essa mudança de mentalidade da Nação, incorporando-se à estrutura oficial do país. É esse o grande desafio de Fernando Collor de Mello. Entender os sonhos, as aspirações e os desejos de modernidade do país, deixar de lado discursos, chavões e palavras-de-ordem. E partir, juntamente com a população, na direção que ela mesma indicou: a do progresso, do desenvolvimento social, da melhoria das condições da camada mais pobre da população, do fim da politicagem, das mordomias, dos donatários de capitânias do Estado.

O Brasil de hoje não é mais o Brasil de 1950. Apesar de suas mazelas sociais, vivemos num país que, em parte, é e, em outra parte, quer ser moderno. É o grande ganho da década de 80: ninguém mais precisa dizer ao povo como pensar. Ele sabe. Apenas espera que as novas lideranças também sejam capazes de entender que o Brasil mudou.

□ Mário Ernesto Humberg é consultor de empresas e diretor da Sociedade Brasileira de Planejamento Empresarial, da CL-A Comunicações e da Editora CL-A Cultural.